

COGEAE – PUC/SP
DANIEL MENDES BORTOLAZZI

**A PULSÃO DE MORTE E SUA EXPRESSÃO NAS MANIFESTAÇÕES
FASCISTAS**

São Paulo
2021

DANIEL MENDES BORTOLAZZI

**A PULSÃO DE MORTE E SUA EXPRESSÃO NAS MANIFESTAÇÕES
FASCISTAS**

Monografia de conclusão do Curso de Especialização
em Psicologia Clínica: Teoria Psicanalítica
Orientador: Prof. Dr. Wilson Klain

São Paulo
2021

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao professor Klain pelas generosas contribuições a este trabalho, pelo acolhimento paciente e direcionamento instigante.

Aos demais professores do curso, pelas incontáveis referências, aportes teóricos e provocações.

Aos colegas, pelos momentos de troca e compartilhamento tão presentes em nosso grupo apesar do distanciamento físico que se nos impôs.

“Porque ele sabia o que essa multidão eufórica ignorava e se pode ler nos livros: o bacilo da peste não morre nem desaparece nunca, pode ficar dezenas de anos adormecido nos móveis e na roupa, espera pacientemente nos quartos, nos porões, nos baús, nos lenços e na papelada. E sabia, também, que viria talvez o dia em que, para desgraça e ensinamento dos homens, a peste acordaria os seus ratos e os mandaria morrer numa cidade feliz”

(Albert Camus)

RESUMO

Explorando a obra freudiana, o trabalho percorre a teoria das pulsões até o surgimento da pulsão de morte a fim de pensar sua importância para a psicanálise e iniciar a discussão que se seguirá com os autores pós-freudianos. Busca-se compreender de um ponto de vista epistemológico as condições que levaram Freud a empreender tamanha reformulação de uma teoria tão central em seu sistema. Discute-se brevemente, ainda, a posição de alguns autores contemporâneos com relação à pulsão de morte. Pensados sempre a partir de Freud, trata-se de articular as ideias destes autores sobre o tema para pensar de que forma as manifestações fascistas podem ser compreendidas sob uma perspectiva pulsional, conforme a proposta psicanalítica. Com isso, dentro dos limites de ação em psicanálise, este trabalho propõe algumas vias possíveis e respostas cabíveis frente ao recrudescimento de uma retórica fascista que se apresenta sob forma de uma aparente repetição da história e ameaça as instituições democráticas, bem como as subjetividades plurais e diversas.

Palavras-chave: Teoria das pulsões; Pulsão de morte; Fascismo.

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO	7
2.	TEORIA DAS PULSÕES.....	9
2.1.	O narcisismo	11
3.	A PULSÃO DE MORTE.....	14
3.1.	A pulsão de morte após Freud	19
4.	PULSÃO DE MORTE E FASCISMO	25
5.	AS VIAS POSSÍVEIS	29
6.	CONSIDERAÇÕES FINAIS	31
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	33

1. INTRODUÇÃO

Dos conceitos centrais da obra de Freud, a pulsão de morte talvez seja aquele que mais tenha suscitado discórdias entre seus seguidores, não tendo sido amplamente aceito após sua proposição (LAPLANCHE; PONTALIS, 2016). Buscando amparo na biologia, Freud (1920/2010a) introduz o conceito já em tempos de maturidade de sua psicanálise, no centenário artigo “Além do princípio do prazer”. E o faz de maneira especulativa, a partir de suas observações clínicas de fenômenos como a compulsão pela repetição de determinadas situações claramente desagradáveis ou ainda dos reiterados sonhos traumáticos da neurose de guerra: eventos que não pareceriam ser exclusivamente regidos pelo princípio do prazer.

Independentemente de quaisquer contendas teóricas entre autores pós-freudianos a respeito deste novo protótipo pulsional, a história, a literatura e as artes em geral nunca cessaram de nos oferecer retratos dramáticos de uma potência mortífera intrínseca à experiência humana, capaz de mobilizar o indivíduo, ou mais destacadamente as massas, às mais hediondas formas de aniquilação, seja no curso das guerras, ditaduras políticas ou genocídios. É um imperativo da civilização que esta pulsão de morte aparentemente tão universal nos dramas da humanidade seja domada, ou melhor ainda, sublimada, a fim de uma manutenção do pacto social, do contrário descambamos rápida e inevitavelmente para a barbárie.

Diante do cenário sociopolítico nefasto que se desvela atualmente, tomando a forma de uma repetição da história, em que a perversão e o cinismo parecem caracterizar a norma do sintoma social vigente, caberia à psicanálise recorrer ao trabalho da cultura para pensar os movimentos pulsionais que nos conduzem à barbárie. Busca-se intervir por meio de uma reflexão ética a fim de posicionar o fazer psicanalítico frente ao autoritarismo crescente.

Nesse contexto, pretendo manter o foco da primeira parte deste trabalho quase integralmente na obra freudiana, passando em revista o conceito de pulsão de morte a partir das bases epistemológicas que levaram Freud à sua proposição de um novo dualismo pulsional. Já na segunda parte, proponho articulações com outros autores a fim de pensar a pulsão de morte numa psicanálise contemporânea e as manifestações desta pulsão destrutiva que impelem à emergência do autoritarismo na cena pública.

Cumprе destacar que, ao longo do texto, serão frequentes as referências ao fascismo. Estas não devem ser tomadas num estrito senso historicizado, aludindo ao

fascismo italiano de Mussolini, e sim como sinônimo de um regime ou mesmo um posicionamento político autoritário, totalitário. Não nos deteremos muito em justificar esta escolha, certos de que a acepção corrente do termo já nos previne de incidir em uma eventual imprecisão histórica.

Trata-se antes de especular, à luz das teorias pulsionais psicanalíticas, a respeito dos elementos desta dinâmica e seu papel nos processos sócio-históricos do que propor qualquer teoria sobre a gênese do autoritarismo.

2. TEORIA DAS PULSÕES

Antes de iniciar um trabalho que terá como eixo central o conceito de *pulsão de morte*, parece-me imprescindível empreender uma passagem em revista sobre a concepção do termo em psicanálise. Mais que isso, seguindo a recomendação de Laplanche e Pontalis (2016), para chegar a uma ampla compreensão a pulsão de morte pretendo seguir o pensamento freudiano, não necessariamente em ordem cronológica, mas procurando refazer seu percurso teórico e buscando contextualizar a evolução de suas ideias, sem pretender esgotá-las, até culminarmos na admissão de uma pulsão de morte.

Principiemos nossa discussão já com o conceito de *pulsão*, logo de saída objeto de controvérsia entre os tradutores de Freud. Este neologismo importado do francês tem uso preferível em português para verter o termo alemão *Trieb*. Este, por sua vez fora traduzido por James Strachey na versão *Standard* inglesa das *Obras Completas* por *instinct*, chegando por essa via ao mundo lusófono como *instinto*. Daí que, como nos lembra Marilene Carone:

em Freud encontramos *Instinkt* para designar um padrão fixo de comportamento, hereditariamente determinado, e *Trieb* para designar uma força que empurra o psiquismo para uma determinada meta, cujo resultado final, no plano do comportamento, longe de ser fixo, é infinitamente maleável e diversificado.

(CARONE, 2004, p. 90)

Neste trabalho emprego o termo *pulsão* em detrimento de *instinto* para me referir a *Trieb*, a despeito da escolha oposta na tradução da versão aqui consultada e referida das *Obras Completas*.

O conceito de pulsão relaciona-se intimamente com o de libido e o de narcisismo, compondo com estes os três eixos principais da teoria freudiana da sexualidade (ROUDINESCO; PLON, 1988). É nos “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade” que Freud (1905/2016) desenvolve a ideia de pulsão como:

[...] o representante psíquico de uma fonte endossomática que não para de fluir, à diferença do “estímulo”, que é produzido por excitações isoladas

oriundas de fora. Assim o “instinto” [*Trieb*, pulsão] é um dos conceitos na demarcação entre o psíquico e o físico.

(FREUD, 1905/2016, p. 66)

Freud considera ainda que a pulsão é desprovida de qualidades, sendo uma medida de exigência de trabalho à psique. É na década seguinte à composição dos *Ensaio*s que Freud (1915/2010f), na redação de seus textos sobre metapsicologia, recapitulará a definição de pulsão em “Os instintos [*Triebe*] e seus destinos”, enfatizando sua origem endossomática (que a difere de estímulos fisiológicos externos) e conferindo-lhe certos atributos paradigmáticos.

Mais adiante, Freud fala sobre as vicissitudes da pulsão, estabelecendo que uma pulsão pode reverter-se em seu oposto (atividade/passividade; amor/ódio); voltar-se contra o sujeito (masoquismo como um sadismo autodirigido); ser reprimida, ou ainda, ser sublimada. O texto se concentrará em abordar mais detidamente as duas primeiras alternativas.

Apesar da intenção didática por trás do empenho na clara definição de atributos e destinos compondo a caracterização de um paradigma da pulsão, logo nos parágrafos introdutórios do texto, Freud (ibid.) faz um alerta a respeito da acentuada obscuridade intrínseca ao conceito, admitindo algum grau de indeterminação em prol dos avanços teóricos da psicanálise.

Freud (1915/2010f) reconhece que o par *pulsões sexuais/pulsões do Eu* (ou de *autoconservação*), estabelecido em sua primeira teoria pulsional, é apenas uma “construção auxiliar, que deve ser mantida apenas enquanto se revelar útil” (p. 61). Ele também admite a existência de uma infinidade de pulsões cuja tarefa de catalogação duvidava ser possível. No entanto, estas estariam de certo modo afiliadas a um destes dois grupos de pulsões primordiais (FREUD, 1910/2013).

Em certo sentido, as pulsões sexuais são especiais, sendo a sexualidade humana uma função biológica única pelo fato de ocupar-se tanto do indivíduo quanto da continuação da espécie, e, portanto, não devendo ser posta ao lado de outras funções biológicas (FREUD, 1915/2010f). Esta ideia será reconsiderada futuramente. A libido caracteriza-se como a energia propulsora deste tipo de pulsão. Já as pulsões do Eu respondem pela preservação do indivíduo, relacionando-se à defesa e à subsistência do Eu. Com isso, Freud opõe *amor* e *fome*, e a importância sumária desta

oposição para o edifício da psicanálise está em que aí reside a origem do sofrimento neurótico.

Atendendo a um imperativo civilizatório, o indivíduo deve transformar suas pulsões sexuais parciais em algo mais culturalmente elevado, socialmente apreciável. São os fracassos deste processo que originam demandas sexuais pouco ortodoxas (desde uma perspectiva cultural) ao Eu. Entram em ação as pulsões de autoconservação, defensoras do Eu, produzindo recalques que subtraem da consciência conteúdos angustiantes. Esta operação de recalque introduz formações substitutivas, permanecendo atuantes os afetos relacionados ao conteúdo recalcado e dando origem assim aos sintomas neuróticos, tais como fobias, obsessões e conversões (FREUD, 1910/2013).

Ainda sobre a oposição ente pulsões sexuais e pulsões do Eu, convém relacioná-las ao esquema formulado por Freud (1911/2010c) segundo o qual dois princípios antagônicos operam na psique: o *princípio do prazer* e o *princípio da realidade*. As pulsões sexuais e a fantasia, associam-se ao princípio do prazer de um lado e de outro as pulsões do Eu e os processos conscientes, ao princípio da realidade. Trata-se da capacidade do indivíduo de adiar ou mesmo transformar noutra coisa a obtenção de um potencial prazer imediato, conjugando-o a elementos da realidade ou da cultura.

2.1. O narcisismo

O estudo do narcisismo na clínica das psicoses suscitou uma primeira reavaliação da teoria das pulsões. Atestando a retirada de investimentos dos objetos do mundo real performada pelo psicótico,¹ as manifestações megalomaniacas deste e os consequentes delírios de fim do mundo (conforme se atestou no caso Schreber), Freud (1914/2010d) determina uma oposição entre libido de objeto e libido do Eu, indicando ainda a relação econômica entre estas energias de modo que uma aumenta às expensas da outra. Convém destacar que a libido, conforme dissemos, era tida como uma energia ligada apenas às pulsões sexuais, sendo que a energia relacionada às pulsões do Eu permanece sem uma nomenclatura dedicada.

¹ Narcisismo secundário: toma por modelo um narcisismo primário universal, posterior ao autoerotismo infantil. A fronteira entre o autoerotismo e o narcisismo primário se fará menos nítida mais adiante quando do desenvolvimento da segunda tópica (cf. ROUDINESCO, PLON, 1998).

Freud (1914/2010d) sustentará o dualismo que inicialmente concebera para sua teoria, deixando, no entanto, aberta a possibilidade de uma revisão teórica ao afirmar que no progresso de sua pesquisa psicanalítica, havendo evidências suficientes para descartar sua presente hipótese, o fará de bom grado, mas que, todavia, este ainda não seria o caso.

Roudinesco e Plon (1998) afirmam que, com o estudo do narcisismo, Freud operou uma primeira subversão de seu dualismo pulsional. Ele teria flertado com a concepção monista de uma libido originária, conforme propunha Jung. Este aparente desvio, no entanto, só será comentado por Freud (1923/2011) após 1920, quando o autor já haverá empreendido uma revisão de sua teoria pulsional e introduzido seu novo dualismo pulsional.

A esta altura já é possível afirmar inequivocamente o lugar central que a teoria das pulsões tem para a psicanálise freudiana, consistindo na espinha dorsal que sustenta o conflito psíquico e o sintoma neurótico. Qualquer modificação neste aspecto de seu pensamento teria implicações em todo seu sistema. Porém, à medida que a metapsicologia avançava e se desenvolvia, e reiteradas observações clínicas destacavam-se sob o olhar de Freud, ajustes no dispositivo pulsional se fizeram necessários, o que não se deu sem rupturas ou, quando menos, reorientações paradigmáticas.

A propósito do estudo das neuroses narcísicas, em especial do caso Schreber, pode-se depreender um modelo de ideação paranoide que facilmente nos lembrará o padrão frequentemente em voga em regimes autoritários, consistindo em uma luta obstinada e ao mesmo tempo abstrata, desprovida de qualquer causalidade plausível de ser logicamente expressa, contra um inimigo fantasmático representando pelo outro diferente.

Eco (2020), ao elencar os atributos que delineiam o fascismo – termo aqui tomado em amplo sentido – ou “Ur-fascismo”, nas palavras do autor, pondera que o espírito crítico e, portanto, o desacordo, são inaceitáveis ao fascista. Neste sentido, há uma busca por consenso que cultiva, no seu íntimo, uma aversão à diversidade: “o Ur-Fascismo é, portanto, racista por definição” (ECO, 2020, p. 50). Uma alteridade cuja existência lhe é intolerável na medida em que desafia sua moral rígida e põe em xeque a certeza sobre o próprio desejo. Schreber manifesta uma condição persecutória, sobretudo projetada contra a figura de seu médico, por quem nutre desejos homossexuais inconscientes.

É às minorias raciais e sociais, aos LGBTs e às mulheres emancipadas que se dirige o ódio persecutório dos fascistas. Estes se sentem ameaçados por formas desviantes da sexualidade e por expressões culturais por eles inapreensíveis, tidas como possibilidades inconcebíveis de existência. Talvez isso se dê em razão daquilo que estas figuras percebidas como desviantes lhe despertam em seu íntimo, algo que não podem ou não conseguem nomear, e que sem simbolização se faz ameaça de ruptura de seus recalcamientos.

3. A PULSÃO DE MORTE

Após a eclosão dos conflitos bélicos da Primeira Guerra Mundial, os horrores deste episódio foram testemunhados vivamente tanto por aqueles envolvidos diretamente nas lutas armadas quanto pelos que acompanhavam fisicamente distantes do *front* (porém não necessariamente em segurança) as notícias através da imprensa. Freud encontrava-se neste segundo grupo, embora, como provavelmente também a maioria dos indivíduos a ele pertencentes, tivesse filhos, parentes e amigos convocados para o campo de batalha. Certamente não menos dramáticas que o noticiário eram as missivas remetidas pelos que lutavam.

A barbárie dá as caras com toda a sua virulência. As tensões geopolíticas se alastram pela Europa e logo pelo mundo, dando origem a um morticínio em escala até então inimaginável, possibilitado pela tecnologia bélica aperfeiçoada através dos modos de produção industrial. É numa sociedade cosmopolita favorecida pelo progresso científico e cultural, dotada de meios de transporte e comunicação avançados, organizada em torno de uma crescente economia industrial e ainda embebida pelos ideais iluministas e pelo avanço incontido das ciências, que teremos a emergência de um conflito bárbaro. A este respeito, Freud dirá:

Não é apenas mais sangrenta e devastadora do que guerras anteriores, devido ao poderoso aperfeiçoamento das armas de ataque e de defesa, mas pelo menos tão cruel, amargurada e impiedosa quanto qualquer uma que a precedeu. Ela transgride todos os limites que nos impusemos em tempos de paz, que havíamos chamado de Direito Internacional, não reconhece as prerrogativas dos feridos e dos médicos, a distinção entre a parte pacífica e a parte lutadora da população nem os direitos de propriedade. Ela deruba o que se interpõe no seu caminho, em fúria encegueda, como se depois dela não devesse existir nem futuro nem paz entre os homens. Ela destrói todos os laços comunitários entre os povos que combatem uns aos outros e ameaça deixar um legado de amargura que por longo tempo tornará impossível o restabelecimento dos mesmos.

(FREUD, 1915/2010b, p. 215)

A guerra terá como consequência o fortalecimento do fascismo enquanto política de estado oficial: a barbárie institucionalizada converge para os regimes totalitários que se seguiram. A cultura não resistirá.

Durante e após o conflito a família Freud sofreu intensamente com os racionamentos de alimentos, de combustível e outros bens de primeira necessidade impostos por uma economia de guerra num país duramente atingido como a Áustria. Por um bom tempo as dificuldades de sua subsistência apenas foram minoradas através das doações de mantimentos e insumos ofertadas por parentes e amigos abastados, residentes no exterior (GAY, 2012).

Freud vivenciou a barbárie de perto: sofreu diretamente com as restrições e a aridez dos eventos, testemunhou a crueza com que se apresentavam os desenlaces do conflito e viveu o temor pelos filhos Martin e Ernst, enviados para o front. Finda a guerra, as dificuldades financeiras oriundas também da intensa desvalorização cambial perduraram, e ainda levou algum tempo até que Freud pudesse se recompor financeiramente, atendendo a pacientes estrangeiros e que lhe pagavam em moeda forte.

Um rastro de mortes e destruição se estendia por toda a Europa, e com ele um fenômeno se tornava patente na clínica psicanalítica: as neuroses de guerra, que pululavam aos montes entre os que retornavam dos campos de batalha. Isso pôs o movimento psicanalítico no centro dos debates, e Freud, sensível às questões da época, não pôde deixar de observar as implicações da agressividade e da morte no funcionamento do psiquismo. É verdade, entretanto, que, para a psicanálise, o papel da agressividade e sua influência na vida psíquica das pessoas já era conhecido desde ao menos uma década antes do conflito (GAY, 2012).

Observando os sonhos que se repetiam na clínica dos neuróticos de guerra, Freud (1920/2010a) nota que os ex-combatentes são forçados a reviver, por meio da atividade onírica, a situação de terror que originou o quadro psicopatológico. Diante da repetição de conteúdo tão traumático durante o descanso noturno, ele considera que talvez haja neste tipo de neurose um desvio da tendência realizadora de desejos atribuída ao sonho. A alternativa a esta tese seria uma inclinação do Eu ao masoquismo.

Em seguida, Freud (1920/2010a) relata a observação de uma brincadeira infantil por ele presenciada: trata-se da célebre cena do jogo do *fort-da*, protagonizada por seu neto. A reiterada brincadeira se revela como tentativa reprodução da separação e posterior retorno da mãe nos períodos em que esta tinha de se ausentar. Na clínica, há a resistência ao tratamento, representada pela *compulsão à repetição* de cenas e comportamentos atualizados na transferência com o analista.

Não só na clínica, mas também na arte e ainda nos personagens da vida cotidiana, os diversos exemplos deste “retorno ao mesmo” são enumerados. Ele se questiona a respeito da relação entre o princípio do prazer e esta tendência à repetição de impressões claramente dolorosas. Observa, então, que tanto nos sonhos da neurose traumática quanto na brincadeira de seu neto e ainda nesta compulsão pela repetição parece residir um funcionamento que se coloca além do princípio do prazer.

Feitas estas considerações, Freud (1920/2010a) se detém longamente sobre a articulação entre sua teoria e os conhecimentos biológicos e anatômicos da época. Ele relaciona o princípio do prazer, cujo funcionamento exigiria a redução dos estímulos que chegam à psique como forma de evitar o desprazer, ao sistema nervoso e sua conexão com os órgãos sensoriais, que atuariam como filtros dos estímulos externos que chegam ao córtex cerebral. Contra as excitações internas ao psiquismo não haveria esta barreira. Estabelece então que as séries de sensações de prazer-desprazer produzidas pelo fluxo de excitações internas se sobrepõem ao efeito dos estímulos externos, e ainda que este quantum de desprazer experimentado e internamente originado determina a adoção de uma conduta que vise sua atenuação.

Um trauma, pela quantidade de estímulos que importaria ao aparelho psíquico, seria capaz de romper com esta camada de proteção, deixando um excesso de energia não ligada, associada aos processos inconscientes. É uma espécie de retomada da teoria do trauma dos primórdios da psicanálise, com a diferença fundamental de que naquele momento eram considerados os aspectos físicos do choque mecânico e seu efeito sobre os tecidos nervosos, enquanto agora o que está em foco é a forma como o psiquismo experimenta a sensação de ameaça à vida, sobretudo uma ameaça súbita, e sem que se tenha chance de efetuar qualquer tipo de investimento protetor capaz de atuar filtrando este excesso de estimulação. A este investimento protetor, Freud chama de angústia, nomeando a tensão antecipada a um perigo que, em última instância, oferece proteção ao psiquismo.

Com isso, os sonhos de repetição na neurose de guerra (que é tomada como sinônimo de uma neurose traumática), por fazerem o neurótico retornar incessantemente à cena que lhe ocasionou a condição, promovem o desenvolvimento da angústia, cuja ausência habilitou a condição. A produção de angústia pelo sonho é tida, neste momento, como uma função preparatória anterior à entrada em cena do princípio do prazer. Este tipo de sonho parecia inicialmente não configurar a realização de desejos, como quer a teoria dos sonhos. Também este seria o caso das repetições

de situações de desprazer das quais aqui tratamos, e ainda da resistência ao tratamento. Exceção talvez para o caso das brincadeiras infantis, em que a repetição pode ser prazerosa em si mesma. Propõe-se assim um funcionamento além do princípio do prazer (FREUD, 1920/2010a).

Até aqui, os argumentos em favor da proposição de uma tendência alternativa na teoria das pulsões cumprem com o que Laplanche e Pontalis (2016) afirmam ser o primeiro conjunto de motivos que levaram Freud a uma revisão teórica: a observação de fenômenos de repetição extraídos da clínica psicanalítica ou de fatos do dia a dia. Estes fenômenos, em aparente desacordo com a tendência estabelecida pelo princípio do prazer, reforçam uma vertente regressiva da pulsão.

Ao lado deste primeiro grupo de causas, os autores citam ainda outros dois, sendo o segundo o destaque das expressões de ambivalência, agressividade, sadismo e masoquismo na experiência psicanalítica com as neuroses obsessivas e a melancolia, e o terceiro a dificuldade na caracterização metapsicológica do ódio, que Freud se nega a conceber como um complemento do amor. Tal dificuldade advém do apagamento das distinções entre pulsões sexuais e do Eu, sendo o ódio, a despeito sua participação no ato sexual, associado inicialmente à autoconservação, como uma função de sobrevivência, e cuja dedução a partir de uma perspectiva monista se apresentava especialmente difícil.

Freud se concentrará então no aspecto conservador da pulsão, em sua característica de restaurar um estado anterior:

Um instinto [*Trieb*, pulsão] seria um impulso, presente em todo organismo vivo, tendente à restauração de um estado anterior, que esse ser vivo teve de abandonar por influência de perturbadoras forças externas...

(FREUD, 1920/2010a, p. 202)

Assim sendo, numa perspectiva evolutiva, é indispensável considerar a atuação de alguma outra força para que haja a vida complexa como hoje conhecemos; do contrário a matéria tenderia a manter-se inanimada.

Freud passa então a identificar as pulsões sexuais e de autoconservação com o conceito de Eros, abrangendo um novo grupo: as pulsões de vida, cuja função é unificar, agregar. Esta noção visa manter e desenvolver a vida em formas complexas, diferenciadas e agregadas. Assim, se introduz um novo dualismo pulsional na teoria

psicanalítica, que opõe as pulsões de vida às pulsões de morte (FREUD, *ibid.*; LAPLANCHE; PONTALIS, 2016).

A oposição entre pulsões de vida e pulsões de morte retoma o dualismo pulsional na psicanálise após uma atenuação desta polaridade e uma tendência ao monismo com a introdução do narcisismo. O dualismo é essencial na obra freudiana, que trabalha com diferentes polaridades em conflito, não apenas para atender a uma demanda estética em si, mas também pela centralidade do conflito psíquico na produção das neuroses (LAPLANCHE; PONTALIS, *ibid.*).

A introdução deste novo dualismo pulsional é parte de uma reformulação mais ampla da teoria psicanalítica, conhecida como a “virada dos anos 20”, e inclui também a proposição da segunda tópica, que subdivide o aparelho psíquico em três novas “províncias psíquicas”: Id, Eu e Supereu (ROUDINESCO; PLON, 1998). A nova *topologia* não substitui, mas se sobrepõe à anterior, que estabelecia o inconsciente, o pré-consciente e o consciente.

Numa tentativa de diminuir a importância conceitual desta revisão teórica especificamente no que diz respeito à inclusão da pulsão de morte, é frequente a recorrência ao argumento que apela para o contexto em que Freud redigiu seu ensaio: uma Áustria pós-guerra economicamente devastada, após um conflito global armado que matou milhões, em meio à pandemia de gripe espanhola que seguia matando muitos outros, e após uma série de falecimentos em seu círculo próximo, como o de seu discípulo Viktor Tausk, seu patrono Anton von Freund e principalmente o de sua filha Sophie Halberstadt, vítima da mencionada virose (ROUDINESCO; PLON, 1998). A morte se fazia, mais que nunca, presente na vida de Freud, que também refletia frequentemente acerca de seu próprio decesso.

A este respeito, Gay (2012) afirma ser “tentador ler o sistema psicanalítico posterior de Freud, com sua ênfase sobre a agressão e morte, como uma reação à sua dor daqueles anos” (p. 400). Precavendo-se contra este tipo de interpretação, Freud teria afirmado que seu texto havia sido praticamente concluído em setembro de 1919, época em que já teria circulado um manuscrito entre seus amigos em Berlim – portanto, meses antes do falecimento de sua filha. (GAY, *ibid.*; ROUDINESCO; PLON, 1998).

Em “Além do princípio do prazer”, Freud (1920/2010a) faz questão de deixar claro, em diversas partes do texto, que não pretende esgotar o tema. Também aponta a fragilidade de algumas das teses levantadas e faz um minucioso trabalho de

investigar antíteses possíveis que se contraporiam às suas ideias, buscando situar estes diálogos na biologia, na filosofia e, claro, na clínica psicanalítica. O caráter especulativo não é ocultado em nenhum momento de sua dissertação: “O que se segue é especulação, às vezes especulação extremada, que cada um pode apreciar ou dispensar conforme a atitude que lhe for própria” (ibid, p. 184).

Apesar de esta nova concepção pulsional passar a dominar a obra freudiana daí em diante, o lastro por vezes dúbio em que ancora sua argumentação, associado a esta abertura para que se oponham objeções a seu pensamento, ensejará diferentes debates teóricos no meio psicanalítico, muitos deles, como veremos adiante, em completo desacordo com a posição sustentada por Freud.

3.1. A pulsão de morte após Freud

Laplanche e Pontalis (2016) propõem um agrupamento esquemático dos diferentes posicionamentos críticos adotados pelos psicanalistas pós-freudianos com relação ao tema da pulsão de morte. Segundo os autores, há um grupo que se opõe à ideia de circunscrever a redução das tensões exclusivamente a um tipo específico de pulsões. Um outro grupo se oporia às tentativas de determinar a gênese da agressividade, seja na atividade imposta pelo sujeito ao objeto, seja numa reação de frustração com o objeto. Haveria ainda um terceiro grupo que rejeita a nova polaridade entre pulsões de vida e morte, embora reconhecendo esta classe de pulsões agressivas desde que não conjugadas à uma autoagressividade.

Ainda segundo Laplanche e Pontalis (ibid.), também há autores como Melanie Klein, que não só endossaram o dualismo pulsão de vida e pulsão de morte em suas próprias formulações teóricas como imprimiram suas leituras singulares sobre o tema. Klein traz as pulsões de morte para a origem da vida, tanto a pulsão autodirigida quanto a projetada ao objeto, sendo contribuidoras para a instalação do sujeito na posição depressiva pela incidência do medo e destruição (ROUDINESCO; PLON, 1998).

Uma possível explicação para tamanha variedade de interpretações da pulsão de morte, empregadas por diferentes psicanalistas, estaria no caráter demasiado generalista e especulativo com que Freud elabora seu construto. Widlöcher (1988) considera que o conceito de pulsão de morte atende à finalidade de

[...] formalizar uma teoria geral que organiza, num sistema explicativo mais vasto, a interação dos processos psíquicos [...] pretende dar conta do dualismo pulsional fundamental, da tendência à compulsão à repetição, da origem da agressividade e da primazia da autoagressividade sobre aquela dirigida a outrem.

(WIDLÖCHER, 1988, p. 8)

Considerando a postulação freudiana “mais sintética do que analítica em termos lógicos” e evidenciado seu aspecto investigativo, Widlöcher diz não se surpreender com a vasta pluralidade de interpretações e aplicações desta teoria por seus pares. Diante deste cenário, fica evidentemente dificultada, num trabalho como este, a tarefa de percorrer toda a variedade de pensamentos acerca da pulsão de morte produzidos desde Freud até a contemporaneidade. Deste modo, para a finalidade de nossa articulação com a temática do autoritarismo, da barbárie e do fascismo, farei um modesto recorte centrando meu olhar nos trabalhos de Green (1988; 1990/2017), Zaltzman (1993) e Costa (2021).

No contexto dos debates sobre as diversas vertentes da pulsão de morte em psicanálise, Green (1988) considera que, a despeito das divergências teóricas entre os psicanalistas, há um ponto de convergência no postulado fundamental do conflito psíquico: “os desacordos só aparecem quando se trata de precisar a natureza dos elementos em conflito, as modalidades destes e as consequências que dele decorrem” (p. 55).

Ele concordará com Freud (1920/2010a) em seu novo dualismo, associando a função autodestrutiva à pulsão de morte, tal como a sexualidade está para Eros. Discordará, entretanto, da ideia de uma função autodestrutiva primitiva.

Green afirma que os mecanismos de ligação e desligamento associados por Freud (1920/2010a) respectivamente às pulsões de vida e de morte, apesar de conceitualmente coerentes, são insuficientes em sua caracterização. Ambos os tipos de pulsão poderiam manifestar-se através destes mecanismos.

O autor destaca ainda o pressuposto de que os objetos (internos e externos) em psicanálise são entidades plásticas, perfeitamente substituíveis e cuja representação pode ser constantemente deslocada. Ele nos lembra que a teoria das pulsões se inscreve no campo dos conceitos, servindo tão somente ao esclarecimento da experiência, sem poder, no entanto, dissociar-se dela. Com isso, tem-se que *o objeto é o revelador das pulsões*, sendo condicionado por elas. As pulsões delineiam

o objeto e, portanto, às pulsões de vida Green atribui o que chama de função objetualizante. Função esta capaz de tornar objeto mesmo as estruturas desprovidas das características necessárias para sê-lo (como, por exemplo o Eu, tomado narcisicamente), bastando para isso haver o investimento significativo necessário.

Em contrapartida, Green associará à pulsão de morte uma função desobjetualizante, que opera pela via do desligamento.

Essa qualificação permite compreender que não é somente a relação com o objeto que é atacada, mas também todos os substitutos deste – o eu, por exemplo, e o *próprio investimento* à medida que sofreu o processo de objetualização [...] a *manifestação própria à destrutividade da pulsão de morte* é o *desinvestimento*

(GREEN, 1988, p. 60, grifo nosso).

Para ele, as manifestações destrutivas da psicose estarão muito mais associadas ao empobrecimento do Eu entregue ao desinvestimento do que à identificação projetiva kleiniana.

Parece-me muito útil valer-nos desta função desobjetualizante a fim de se pensar o sujeito fascista em suas relações objetais, sem incorrer, entretanto, na tentação de patologizar o fascismo qual uma manifestação psicótica. Embora um funcionamento narcísico possa ser verificado, é mister proceder com cautela, pensando mais num contínuo psicanalítico que conecta os extremos do espectro psicológico-patológico do que numa classificação nosológica. Retornaremos posteriormente aos trabalhos de Green para verificar sua aplicabilidade aos nossos fins, seguindo por hora com a exposição proposta.

Zaltzman (1993), por sua vez, oferece uma perspectiva diferente para a pulsão de morte. Partindo de uma sólida fundamentação clínica e ilustrando meticulosamente sua argumentação, a autora oferece um posicionamento original a respeito da referida potência destrutiva. Sem deixar de endossar o funcionamento pulsional proposto por Freud (1920/2010a), reconhece que se, por um lado, uma fidelidade excessiva a ele conduziu a avanços na investigação das pulsões sexuais, por outro, ocultou certas características peculiares do trabalho psíquico das pulsões de morte que possuiriam uma lógica particular de funcionamento e figurabilidade.

Haveria nas pulsões de morte uma *história mental* com múltiplos desfechos, não necessariamente apenas aquele imediatamente associado a uma finalidade

mortífera, de uma agressividade voltada ao exterior ou ao próprio sujeito. Para Zaltzman, algumas evoluções da pulsão de morte podem se prestar, sobretudo, à vida.

Avaliando as relações de objeto em situações limítrofes, sob o signo de Thanatos, e, portanto, sob o que denomina registro da necessidade (compreendida aqui até mesmo como necessidade de ordem fisiológica), a autora afirma que:

[...] a partir de um certo limiar, a ausência real do objeto da necessidade deixa de ser compatível com a sobrevivência e torna-se ameaça de morte e em seguida causa de morte real [...] Cada vez que Thanatos ocupa o primeiro plano na cena psíquica, o objeto libidinal se impõe como um objeto de necessidade.

(ZALTZMAN, 1993, p. 47)

Presentes estas configurações de uma condição-limite, a autora discordará de Freud (1920/2010a), recomendando um trabalho clínico que não busque tentar domar a esfera pulsional de morte pela libido, o que apenas faria incidir em mais sofrimento e possivelmente culminará no abandono da análise. Para ela, se trata de uma aposta na elaboração da economia do trabalho das pulsões de morte em detrimento da história libidinal que sói ocupar o centro de uma análise clínica.

Estendendo o conceito de pulsão de morte, Zaltzman continua:

A exigência destruidora que arruína toda a relação fixa é obra de uma categoria de pulsão de morte: a *pulsão anarquista*. Esta tem como objetivo abrir uma saída vital onde uma situação crítica fecha-se sobre um sujeito e o destina à morte.

(ZALTZMAN, 1993, p. 61, grifo do autor)

A opção pelo termo “anarquista” para se referir a este tipo especial de pulsão de morte remonta aos levantes e insurgências anarquistas contra situações de dominação social estabelecidas na forma de um regime opressor e injusto. A destruição desta organização social totalitária imposta não extrai sua força motriz de um amor ideológico pela humanidade e sim da atividade desobrigante, da energia dissociativa da pulsão de morte: “o ímpeto libertário é uma atividade antissocial, como é antissocial a atividade da pulsão de morte” (ibid., p. 66). Também aqui se evidenciam

elementos cuja importância nos parece inequívoca na elaboração de expressões do fascismo, e aos quais retornaremos mais adiante ao cabo desta exposição.

Pode-se dizer que Costa (2021), se bem não se ocupa propriamente do conceito de pulsão de morte, lida com sua nítida expressão, a violência. Fazendo uma cuidadosa análise semântica do termo violência, sobretudo de seus usos no meio psicanalítico, começa por questionar seu emprego corriqueiro, descuidado e por vezes excessivamente carregado de retórica para se referir a experiências que não condizem com aquilo que necessariamente deveria denotar.

Violência e agressividade não são sinônimos, defende Costa. A agressividade tem um componente inato, biológico e completamente alheio a uma moral em si. O animal selvagem que dilacera sua presa o faz agressivamente, mas sem um senso de bem ou mal. O bebê que morde o bico do seio materno o faz em sua ingenuidade, carecendo do adulto e sua reação para que inscreva seu ato no universo simbólico da cultura.

O autor contestará ainda a noção da violência como fundadora da cultura, noção esta amplamente difundida pela psicanálise, emprestada da antropologia e canonizada em “Totem e Tabu”. A crítica passa por apontar a lacuna no mito freudiano das origens que não se aprofundaria na explicação do que leva a horda primeva a passar do estado de natureza hobbesiano ao pacto social. Dado que esta passagem em Freud se fundamenta na culpa pelo assassinato do pai, tem-se aí uma contradição, já que a culpa só poderia ser percebida caso houvesse uma condição anteriormente estabelecida que precificasse o ato parricida segundo uma régua moral, ou seja, justamente a cultura, cuja origem se quer explicar com este assassinato. Para o autor, há uma confusão em psicanálise entre a ideia de poder e violência, sendo que aquele pode ser exercido independentemente desta.

Costa (ibid.) dirá que a violência apenas existe quando o sujeito goza em sua prática, consciente ou inconscientemente. Assim, a definição inequívoca de violência para o autor está condicionada a uma percepção exterior deste gozo, seja pelo objeto que sofre a violência ou um terceiro que a observa:

É porque o *sujeito violentado* (ou observador externo à situação) percebe no *sujeito violentador* o *desejo de destruição* (desejo de morte, desejo de fazer sofrer) que a *ação agressiva* ganha o *significado de ação violenta*.

(COSTA, 2021, p. 45, grifo do autor)

É a fruição, sabida ou não por parte do sujeito, que torna seu ato violento ao ceder aos desígnios de Thanatos. É como se o objeto violentado pudesse perceber, manifestado no sujeito, o desinvestimento da função desobjetalizante de Green (1988) que o extirpa de sua condição de objeto visando sua eliminação.

Fazendo referência a Freud (1932/2010g) em sua correspondência com Einstein, “Por que a guerra?”, Costa (2021) revê a perspectiva original do problema, antepondo outra pergunta a esta: “Por que a paz?”. Ao que refletirá: “revoltamo-nos contra a violência por que sabemos que *nada que o homem fez e que o torna humano nasceu da violência e sim contra ela*” (p. 75, grifo do autor).

4. PULSÃO DE MORTE E FASCISMO

A temática do fascismo pode ser abordada a partir de uma infinidade de aspectos. Aqui, conforme dissemos, não nos preocuparemos em historicizá-lo ou mesmo descrevê-lo minuciosamente enquanto fenômeno político ou social. Por hora nos basta o fato de que o fascismo é uma violência. É também uma doutrina pessoal, política, um discurso autoritário, um comportamento de massa identificada com este discurso, mas sobretudo uma forma de violência.

Sua característica mais marcante talvez seja a hostilização da alteridade, o desejo de aniquilação do diferente. Há um anseio intransigente pelo igual, pelo normativo, e qualquer transgressão a um determinado modelo social rígido não deve ser tolerada.

Essa busca pela norma está contida no culto à tradição promovido pelo fascismo associado à recusa dos modos de vida modernos (ECO, 2020). Também é oriunda da proibição do pensamento crítico, já que este enseja a pluralidade de ideias e nada mais sintomático dos modos de vida modernos do que a diversidade, portanto ele deve ser abolido (ibid.).

O fascismo requer um consenso absoluto dentre os que comungam de seus ideais e, portanto, para crescer, manipula os afetos da massa, exacerbando o natural medo da diferença (ibid.). De saída, já se delimita quem está autorizado a pertencer ao grupo, enquanto todos os indivíduos que não possuem determinados traços comuns e a ele não se alinham são postulados como inimigos.

Com isso, o público-alvo do fascismo são as classes médias frustradas que, por alguma razão, sejam crises econômicas, reivindicações das classes operárias ou mudança de valores sociais (novos modos de vida modernos), sentem-se ameaçadas com a perda de seus privilégios políticos, sociais, culturais ou econômicos. Carecendo de algum traço identitário particular, essas classes médias costumam se unir ao redor do único fato que possuem em comum: haverem nascido no mesmo país ou pertencerem a determinado grupo étnico. Organizam-se então em torno de um sentimento nacionalista, reivindicando suas tradições e hostilizando os que delas não compartilham (ibid.). O racismo e a xenofobia são componentes essenciais do fascismo.

A mobilização dos medos e de sua contrapartida, a violência, torna-se um instrumento fundamental no fortalecimento do fascismo, e será o amálgama que une o grupo em função da figura de um líder.

Ao líder caberá o papel de agitador das massas, exemplar inquestionável dos valores tradicionais e nacionalistas, mas também de redentor, espécie de imago paterna onipotente e benevolente com os seus, que acabará com as mazelas e os medos da classe média frustrada através da aniquilação impiedosa do inimigo. É, portanto, sobre uma narrativa belicosa, de guerra e morte ao diferente que o líder fascista estabelece sua ligação com a massa.

A mobilização da violência constitutiva do sujeito parece ser o grande trunfo dos discursos fascistas. A pulsão de morte atuante no psiquismo vislumbra através desta linguagem uma infinidade de possibilidades de satisfação. Recorremos aqui à função desobjetalizante proposta por Green (2017) com a finalidade de descrever esta moção pulsional.

De modo inverso às pulsões de vida que delineiam o objeto, conferindo-lhe este status através do investimento, da agregação, as pulsões de morte atacam este contorno objetal. O fascismo em sua essência, enquanto expressão da pulsão de morte no sujeito, opera no sentido inverso, na desagregação, na dissolução do investimento e, conseqüentemente, destituição do objeto ou da possibilidade de objeto. Ao outro, ao estranho, o fascismo retira qualquer possibilidade receber investimento, desliga, demove o diferente da condição de objeto.

A partir desta desobjetalização tem-se a produção das mais abjetas condutas fascistas. Para ilustrar este tipo de produto, ficando apenas na superfície, retomo a infame frase do presidente Bolsonaro (então deputado, mas já um expoente relevante da extrema-direita) proferida em 2014 à deputada Maria do Rosário: “não te estupro porque você não merece”. Avançada a linha civilizatória rumo à barbárie, a meritocracia do estupro, se assim podemos chamar, só pode ser pensada a partir do momento em que o outro desocupa qualquer possibilidade de vir a ser objeto.

Também os fascistas em sua guerra cultural, em sua missão combativa e suas empreitadas contra “o inimigo”, inebriam-se com fantasias de poder e dominação. Revestem-se de significantes fálicos e de autoridade e não obstante transferem para o campo da sexualidade as suas batalhas, como contra moinhos de vento.

É verdade que o estereótipo do macho alfa fascista é um tanto caricato ao observador externo. Bravatas, humor vulgar e infantilizado, um apego exagerado à

ideia de masculinidade, compõem certo arquétipo comum e parecem funcionar como semblante encobridor de alguma falta. Essa aura quixotesca, no entanto, não impede que se produzam discursos de ódio, efetivamente, quando não passagens ao ato com ataques violentos e potencialmente mortais, como contra minorias sexuais, LGBTs e mulheres.

O fascista adota o tom de cruzada, de uma luta maniqueísta na qual obviamente ele integra o lado da virtude, cuja vontade deverá ser imposta ao outro lado. Ruptura é a ordem do dia, e as instituições e a democracia são constantemente atacadas. A Constituição é um código menor e sem relevância perto dos seus próprios códigos, entre eles, frequentemente a Bíblia, numa leitura notoriamente solipsista. Em seu delírio paranoide, o inimigo conspira a todo instante para tomará seu lugar de direito; por isso, urge partir para a luta e a destruição das estruturas vigentes.

Embora Zaltzman (1993) fale da pulsão anarquista em situações-limite, vividas por grupos fortemente oprimidos em que a vida é objetivamente ameaçada, penso que é possível também observar o funcionamento desta classe especial de pulsões de morte em ação nos afetos que originam o fascismo. Introduzo aqui, obviamente, uma inversão de papéis na ideia proposta pela autora, mas pensando em termos fenomenológicos e deixando de lado o aspecto moral da discussão, penso que a ilustração pode funcionar.

Reconhecendo o fato de que a citada classe média frustrada não esteja efetivamente sob risco de morte quando se sente ameaçada com a perda de privilégios, se levarmos em conta o conceito de realidade psíquica, é bem possível que o fascista intérprete seu contexto de forma análoga àquele de uma situação-limite. Na concepção fascista, abate-se sobre ele uma ameaça de existência, risco de perda efetiva e comprometedora de suas formas de existir. Ao menos é o que bradam em suas propagandas e seus discursos.

Portanto, a única reação que lhe cabe é lutar esta batalha escatológica contra “o inimigo”, o sistema, contra “tudo isso que está aí”, ainda que ele próprio não saiba exatamente o que isso significa. Muito provavelmente não há uma intenção refletida ou um compromisso com a ruptura do pacto civilizatório, embora esta seja uma consequência natural do ato autoritário. A pulsão anarquista irrompe, talvez não de forma espontânea já que muito incitada ou excitada pela figura carismática do líder fascista. Em todo caso, sua expressão me parece evidente nas atitudes fascistas que quase sempre convergem para o caos e a dissolução das estruturas.

Para Green (1990/2017), malvado não é aquele que faz o mal, uma vez considerado que o mal nos é constitutivo; malvado é aquele que ama o mal. Amar o mal pode significar gozar com o mal praticado, mas em sentido absoluto pode significar um nível de compromisso ainda maior com o mal:

Amar o mal é amar detectá-lo, designá-lo, localizá-lo para encontrar algo a ser exterminado, para pensar que uma vez que o mal seja vencido e aniquilado, a felicidade e o Bem Soberano irão reinar absolutos.

(GREEN, 1990/2017, p. 350)

O fascista ama o mal e parte para o extermínio do outro na medida em que este o personifica, e seu extermínio é condição para a paz. A promessa de felicidade e “Bem Soberano” reverbera na fala inflamada do líder fascista.

É então, recorrendo à agressividade, mas sobretudo à violência, que o fascismo põe em marcha seu projeto de aniquilação. Agressividade, porque faz uso da força, da ação mecânica, da destruição não só das ideias que renega, mas também destruição física do outro; e violência, pois, na passagem ao ato, há um gozo aparente, conforme propõe Costa (2021). O sujeito fascista obtém prazer em oprimir e violentar. Pode até atribuir seus atos ao mote da missão, do fardo que tem de suportar na luta que trava contra “o mal”, ossos do ofício, mas trata-se apenas de engodo para não reconhecer ou demonstrar a própria satisfação pulsional.

E se o fascista é violento e abjeto em seu discurso e sua ação, por outro lado, não se pode esquecer que no sujeito da psicanálise pulsão de vida e pulsão de morte se conjugam na dinâmica dos conflitos, de modo que não devemos incorrer no erro fascista de conceber uma sociedade maniqueísta. Ora, o que é, então, que impede os não-fascistas, por assim dizer, de se tornarem eles próprios fascistas? Se a pulsão de morte é onipresente, o que a detém diante da possibilidade de vazão, de satisfação na identificação com o discurso mortífero fascista? Em seu relato sobre a banalidade do mal, Arendt (1999) dirá que

[...] o problema com Eichmann era exatamente que muitos eram como ele, e muitos não eram nem pervertidos nem sádicos, mas eram e ainda são terrível e assustadoramente normais.

(ARENDR, 1999, p. 299)

5. AS VIAS POSSÍVEIS

Se há pouco falávamos até em determinado arquétipo fascista, talvez alguém pudesse haver se tranquilizado equivocadamente diante da impressão de existirem categorias seguras e bem delimitadas que garantissem que o fascista fosse sempre o outro, bastando apenas atender a certos pré-requisitos.

Fato é que a mesma matéria que predispõe o fascista às suas inclinações abjetas encontra-se mais presente e mais próxima de nós do que estaríamos talvez dispostos a reconhecer. A violência nos é constitutiva:

O próximo não constitui apenas um possível colaborador e objeto sexual, mas também uma tentação para satisfazer a tendência à agressão, para explorar seu trabalho sem recompensá-lo, para dele se utilizar sexualmente contra a sua vontade, para usurpar seu patrimônio, para humilhá-lo, para infligir-lhe dor, para torturá-lo e matá-lo.

(FREUD, 1930/2010e, p. 77)

Freud aposta no trabalho da civilização enquanto força continente das pulsões. Se bem este esforço de contenção não se faça sem conflito, é através da assimilação da civilização pelo indivíduo que se pode pensar num refreamento da barbárie: é impossível não ver em que medida a civilização é construída sobre a renúncia instintual, o quanto ela pressupõe justamente a não satisfação (supressão, repressão, ou o quê mais?) de instintos poderosos (ibid., p. 60).

A natureza conflituosa desta renúncia produzirá hostilidade contra a civilização, mas é justamente contra essa hostilidade que a civilização terá de se proteger. Há indivíduos cuja conduta civilizada é internalizada a ponto de que suas inclinações pulsionais o impedem de agir de outro modo. Há, entretanto, aqueles que agem segundo as normas civilizadas apenas na medida em que seu comportamento lhe é convém desde um ponto de vista cultural, e desde que estejam sob julgo do olhar do outro (FREUD, 1915/2010b).

A partir de uma perspectiva funcional, não é possível distinguir entre estes dois tipos de disposição. Numa sociedade que comece a propagar valores fascistas de forma massificada, é possível, no entanto, que este olhar regulador do outro se torne menos rigoroso, permitindo a emergência de certos discursos até pouco tempo repudiados e que, de repente, encontram eco e passam a ganhar espaço.

Freud (1932/2010g) fala em uma educação pautada pela razão para determinada elite, que teria por função liderar a humanidade rumo a destinos mais pacíficos. O faz, entretanto, despido de ilusões, chegando a afirmar que “não há perspectiva de poder abolir as tendências agressivas do ser humano” (p. 423). Também admite as produções da cultura, como a arte e o trabalho movido pelo propósito, como nobres alternativas de sublimação das pulsões: “tudo o que promove a evolução cultural também trabalha contra a guerra” (p. 435). Reconhece, todavia, que este tipo de fruição é bastante limitada e dificilmente estará disponível em escala necessária à maioria dos indivíduos.

Uma outra possibilidade talvez esteja nos consultórios psicanalíticos, na psicanálise institucional e ainda nos trabalhos de psicanálise extramuros: a possibilidade de escuta. Um levante fascista não ocorre da noite para o dia. Há todo um desenvolvimento entre o surgimento das primeiras manifestações fascistóides e a destruição total da democracia em prol de um regime totalitário. É preciso, neste ínterim, ouvir a falta, o medo do diferente, e oferecer espaços e possibilidades de elaboração da violência que espreita em silêncio no inconsciente.

Também é imprescindível acolher o outro lado, o lado oprimido pelo discurso fascista. Neste sentido, é trabalho da psicanálise buscar meios de legitimar e poder dar vazão à pulsão anarquista, agora sim como efetiva potência de reação, de resistência dos que vivenciam na condição de alvos o ódio real e presente nas situações-limite impostas por um regime de violência. Trata-se de admitir o trabalho da pulsão de morte como resposta possível, encampando seu aspecto desobrigante a serviço da sobrevivência do sujeito (ZALTZMAN, 1993; KLAIN, 2021).

Claro, não nos permitiremos ser levianos ou ingênuos, e admitiremos que nem a cultura, nem a sublimação, nem a escuta psicanalítica ou tampouco a elaboração dará conta de impedir o fascismo e a barbárie. Mas, se nos cabe de algum modo agir dentro dos limites do fazer psicanalítico em suas diferentes modalidades, é certamente apelando a estes elementos que a psicanálise poderá contribuir para uma sociedade orientada a ideais democráticos.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A compreensão freudiana da violência constitutiva e fundadora do pacto social é imprescindível para o estudo das massas e de suas conformações pouco civilizatórias, como no caso do fascismo. Assim, a pulsão de morte como representante desta violência intrínseca ao sujeito, se num primeiro momento emergiu como construto frágil e claudicante em psicanálise, logo ganhou corpo vindo a ocupar lugar central no novo edifício teórico de Freud.

Se por um lado um levante fascista não ocorre sem aviso, uma vez posta em movimento a máquina do fascismo, é possível observar a maneira como os discursos fascistas imprimem suas marcas no tecido social em tônica ascendente, agravando-se em velocidade exponencial. Subitamente, discursos de ódio e discriminação outrora completamente olvidados são naturalizados e incorporados à cultura, potencializados pela velocidade das redes e tecnologias de comunicação. A força com que esta linguagem reverbera nos diz de seu potencial em promover identificações, em tocar diretamente a violência latente e mal elaborada dos sujeitos, oferecendo-se como via de satisfação das pulsões de morte.

Os motivos que suscitam a emergência do fascismo podem ser objetivamente elencados desde um ponto de vista político-social em relação ao momento histórico ou recorte geográfico que se pretende estudar. Entretanto, em termos psíquicos, ao tentar empreender uma teorização destas contingências, estamos fadados a reconhecer na predisposição humana à barbárie a ausência de razão de ser do mal.

Green (1990/2017), contudo, não se contenta com a afirmação de que o mal é sem porquê. O autor considera duas vertentes na tentativa de justificar o mal. Na primeira, o mal é necessário como defesa empreendida a partir de uma posição paranoica e persecutória contra a melancolia suicidária: o mal é integralmente projetado no outro que deve então ser exterminado. “O mal é um fator de manutenção da coesão narcísica” (p. 360). Na segunda, a razão de ser do mal é tão somente a possibilidade de romper com tudo o que existe, com todos os sentidos e estruturas apenas para se fazer impor apetites e vontades aos objetos. “O mal é sem porque pois não existe porque” (p. 361).

A dificuldade em se compreender a dimensão do que significa este mal constitutivo e suas consequências para o pacto civilizatório reside na necessidade de se apartar de qualquer ilusão de redenção. É preciso elaborar o mal e seus

precipitados a cada oportunidade, sem maniqueísmos e sem perder de vista sua presença corriqueira na vida psíquica de todos bem como sua potência destruidora.

Por mais hercúleo que se apresente o exercício de pensar o mal e as pulsões de morte manifestados na intersubjetividade, é imprescindível buscar a compreensão destes fenômenos. Do contrário, a humanidade arrisca repetir as atrocidades do passado em escala tanto pior quanto permitirem os recursos tecnológicos disponíveis. “O mais intolerável é que as vítimas de ontem ou seus descendentes poderão, sem conhecimento, encontrar-se do outro lado da barreira. Sem mesmo saber por que” (GREEN, 1990/2017, p. 360).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARENDT, H. *Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

CARONE, M. "Freud em português: tradução e tradição". *Jornal de Psicanálise*. São Paulo. pp. 85-95, 2004

COSTA, J. F. *Violência e Psicanálise*. 4 ed., rev. e ampl. São Paulo: Zagodoni, 2021.

ECO, Umberto. *O fascismo eterno*. 9ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2020.

FREUD, Sigmund. (1920) "Além do princípio do prazer". In: *História de uma neurose infantil ("O homem dos lobos"), Além do princípio do prazer e outros textos (1917-1920)*. São Paulo: Cia. das Letras, 2010a.

_____. (1910) "Concepção psicanalítica do transtorno psicogênico da visão". In: *Obras completas volume 9. Observações sobre um caso de neurose obsessiva ("O homem dos ratos"), Uma recordação de infância e Leonardo da Vinci e outros textos (1909-1910)*. São Paulo: Cia. das Letras, 2013.

_____. (1915) "Considerações atuais sobre a guerra e a morte". In: *Obras completas volume 12: Introdução ao narcisismo, Ensaios de metapsicologia e outros textos*. São Paulo: Cia. das Letras, 2010b.

_____. (1911) "Formulações sobre os dois princípios do funcionamento psíquico". In: *Obras completas volume 10: Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia ("O caso Schreber"), Artigos sobre técnica e outros textos*. São Paulo: Cia. das Letras, 2010c.

_____. (1914) "Introdução ao narcisismo". In: *Obras completas volume 12: Introdução ao narcisismo, Ensaios de metapsicologia e outros textos*. São Paulo: Cia. das Letras, 2010d.

_____. (1930) "O mal-estar na civilização". In: *O mal-estar na civilização, Novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos (1930-1936)*. São Paulo: Cia. das Letras, 2010e.

_____. (1915) "Os instintos e seus destinos". In: *Obras completas volume 12: Introdução ao narcisismo, Ensaios de metapsicologia e outros textos*. São Paulo: Cia. das Letras, 2010f.

_____. (1932) "Por que a guerra?" In: *O mal-estar na civilização, Novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos (1930-1936)*. São Paulo: Cia. das Letras, 2010g.

_____. (1923) “‘Psicanálise’ e ‘Teoria da libido’ (Dois verbetes para um dicionário de sexologia, 1923)”. In: *Obras completas volume 15: Psicologia das massas e análise do Eu e outros textos (1920-1923)*. São Paulo: Cia. das Letras, 2011.

_____. (1905) “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade”. In: *Obras completas volume 6. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, Análise fragmentária de uma histeria (“O caso Dora”), e outros textos (1901-1905)*. São Paulo: Cia. das Letras, 2016.

GAY, Peter. *Freud: uma vida para o nosso tempo*. São Paulo, Cia. das Letras, 2012.

GREEN, Andre. (1990) “Por que o mal?”. In: *A loucura privada*. São Paulo: Escuta, 2017.

_____. et al. *A Pulsão de Morte*. São Paulo: Escuta, 1988.

KLAIN, Wilson. “Consequências de matar o leão”. In: BARBOSA, Adriana. Pereira; COELHO, Nelson Ernesto (org.). *Sonhar: figurar o terror, sustentar o desejo*. São Paulo: Zagodoni, 2021.

LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J. B. *Vocabulário da Psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 2016.

LAPLANCHE, J; CARDOSO, M. R. (org). “Pulsão e instinto: oposições, apoios e entrecruzamentos”. In: *Adolescência: Reflexões Psicanalíticas*. Tradução de Pedro Henrique Bernardes Rondon. Rio de Janeiro: Fapesp / Nau, 2001.

ROUDINESCO, Elisabeth; PLON, Michel. *Dicionário de Psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

ZALTZMAN, Nathalie. *A pulsão anarquista*. São Paulo: Editora Escuta, 1993.